

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sábados

Redação, administração, composição e impressão

Tipografia Democrática, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis = COMUNICADOS E ANÚNCIOS: — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

POLITICA NACIONAL

GOVERNO DE ODIO? NÃO! GOVERNO DE ADMINISTRAÇÃO

Apezar de ter corrido pouco tempo desde que o glorioso Partido Republicano Portuguez, personificado em algumas das suas mais distintas individualidades tomou conta do poder, a grande influencia moral do governo é manifesta em todo o paiz.

Respira-se o ambiente puro das situações definidas, pelas quaes os interesses publicos e a marcha regular da politica nacional azeitavam desde a proclamação da Republica.

Em todas as localidades do paiz, desde a mais populosa cidade á mais humilde freguezia, a chamada ao poder do Partido Republicano Democratico foi saudada como o despontar de uma ridentissima aurora de esperanza.

E' que era tempo, na verdade, de se entrar na vigencia de uma politica definida e baseada nos mais salubres principios da democracia.

Os ministerios que sucederam ao Governo Provisorio, foram, a bem dizer, simples ministerios de expediente, e se, em uma ou outra pasta, qualquer titular evidenciou o seu patriotismo promulgando sabias medidas atinentes a manter e a consolidar o prestigio do novo regimen, esse esforço, essa diligencia, perdeu-se, apagada ao sabor dos interesses ou das vaidades pessoais de cada chefe.

As inequivocas manifestações de simpatia de que tem sido alvo o eminente estadista dr. Afonso Costa, provam á evidencia quanto é grande o conceito em que é tido pela opinião publica que sabe apreciar devidamente o seu entranhado amor á Patria e á Republica e que espera do ilustre politico uma administração fecunda em iniciativas rasgadamente liberaes.

Espera e confia, apezar das arremetidas tão bruscas como injustificadas da opposição constituída pelos ambiciosos sedentos de poder e de vingança, que se agruparam em torno do sr. Antonio José de Almeida, de quem exploram a boa fé e a ingenuidade politica!

Esses ambiciosos não querem, é certo, atender a quaesquer outras razões que não sejam as que lhes dita o seu odio facioso e setarista, porque para a bilis do seu despeito não ha patriotismo nem altruismo que valham.

Apezar, porem, de toda essa mesquinha campanha de odios, que não contente em abocanhar o ilustre chefe do governo, desce até alvejar os mais obscuros dos seus admiradores e correligionarios, o governo segue, confiante e tranquilo, a linha reta da sua conduta, orientando-o o mais acendrado patriotismo e deligenciando fazer uma politica de administração que salvaguarde eficazmente os sacra-

tissimos interesses da Patria e da Republica.

A' ação potriotica do governo corresponde o evolucionismo com atoardas e dislates.

E' que os evolucionistas não são gentes que se deem por vencidas no «ring» da casmurrice, nem mesmo quando os musculos da logica os obriga como vencidos a assentar no solo as duas espaduas.

Fazendo juizos prematuros, aventando hipoteses as mais fantasticas e inadmissiveis, esses tresloucados apenas teem um fito: desacreditar o governo, amesquinhar a sua ação patriótica e lançar a desconfiança em volta do Partido Republicano Portuguez!

Chamando arruaceiros aos democraticos, perseguindo-os com insidiosas injurias, em que a fantasia supre o bom senso e a mentira substitue a realidade, cuidam talvez os evolucionistas levar agua ao seu moinho...

Baldado empenho e condenaveis processos.

Qual a razão de ser da força de odio que os impele?

O despeito, a raiva de terem de reconhecer a sua propria insuficiencias e de haver sido chamado a formar gabinete o sr. dr. Afonso Costa, a figura mais notavel da politica portugueza na atualidade, o chefe querido e prestigioso do unico partido que ao paiz oferece garantias do seu resurgimento e á Republica assegura a manutenção do seu prestigio.

Mas quem tem culpa de que os mais fados persigam o evolucionismo e o seu ilustre chefe?

Quem tem culpa de que o programa evolucionista desagrade profundamente aos verdadeiros republicanos e vá conquistando dia a dia, cada vez mais simpatias entre os reacionarios, que na vigencia do regimen deposto militavam sob as bandeiras do nacionalismo e do franquismo?

Quem tem culpa de que a versatilidade do sr. Antonio José de Almeida tenha contribuido para envolver o seu vulto outrora prestigioso, numa atmosfera de descrédito que jamais o abandonará?

Quem é culpado de que o evolucionismo ignore ou finja ignorar que hoje, qualquer governo que não possua ideas liberaes, harmonicas com o espirito da epoca, não poderá vingar no nosso paiz, a não ser que tenha empenho em irritar todas as classes sociaes?

E ser democratico não é, como os evolucionistas pretendem insinuar: *contemporizar com a desordem e governar com a incompetencia.*

Não!

Ser democratico é atender as justas reclamações do Povo, orien-

tando sempre os negocios do Estado de forma a garantir-lhe prosperidades e bem estar.

Ser democratico é governar dentro das leis da Republica, e com justiça, não pretendendo fazer recuar á força o que avança impulsionado pelas leis imutaveis da evolução, e da revolução.

Por isso, visto ser manifestamente ledó e cego o engano dos evolucionistas e tão injustificaveis como dignos de censura os seus processos de ataque, o governo da presidencia do eminente estadista dr. Afonso Costa vae realizando sem desfalecimentos nem vaidades a sua grande missão patriótica.

Lançado o pregão da incompetencia e proclamada estulticiamente a insuficiencia do programa politico e administrativo do governo, estratagemas de que não surtiu resultado algum, os evolucionistas, simulando um terror que estão bem longe de sentir, espalham aos quatro ventos da fama que a *Rua vae exigir perseguições*, demissão de funcionarios e sindicancias a todas as repartições!!!

Que maus processos estes de fazer politica!

Os evolucionistas bem sabem que o programa do novo governo agradou extraordinariamente ao paiz; reconhecem a enorme força moral, intelectual e parlamentar do governo; presentem que no gabinete estão cidadãos capazes de produzir uma salutar e brilhante ação administrativa, e dahi resulta toda a caudal das suas fúrias, das suas malidencias, das suas falsidades e manigancias para espalhar o descrédito contra o Partido Republicano Portuguez, que renegaram e de que atualmente são os mais ferozes e encarniçados inimigos...

CANÇONEIRO DO POVO

Ha quatro dias com hoje
Que ando para te falar,
A vergonha me desvia,
O amor me faz chegar.

A primavera da vida
E' um jardim de flores
Em que as rosas são sorrisos
E os cauteiros são amores.

Hei de amar o dia claro
E deixar a noite escura;
Hei de amar quem eu quizer
Inda não fiz escritura.

NOTAS E COMENTARIOS

Transcrições

Os nossos presados colegas *A Folha de Beja* e *O Reporter de Ponta Delgada*, transcreveram do *Heraldo*, respectivamente, nos seus ultimos numeros, os contos intitulados *Stela* e *Uma experiencia*, de Lyster Franco.

Agradecemos a gentileza.

Cordões de latão

Num semanario monarchico do Rio de Janeiro, intitulado *O Realista*, conta um «soldado de D. Manuel» que tomou parte na incursão de julho, que em Chaves combateram 700 carbonarios e mais as forças militares, contra 450 monarchicos. Pela grandeza descomunal deste paño, bem se pode avaliar do mais que o homem terá dito.

E, provavelmente, este não é dos mais mentirosos...

As incursões

Segundo os melhores calculos, as despesas militares extraordinarias determinadas pelas incursões realistas de outubro

de 1911 e de julho do ano findo atingem a soma de 1.195 contos de réis.

Forçaram o paiz a estas despesas os patriotas que andam lá por fora a desacreditar a Republica e estão suspirando pelo regresso á vigencia do regimen dos adeptamentos, dos latrocinios e das bur-las.

Valha-os Santo Antonio!

Um prodigio

Um jornal americano conta, sob o titulo de fenómeno curioso, que ha dois anos nasceu na Filadelfia uma criança do sexo masculino, a quem os pais de apelido Dynan deram o nome de John.

Quando o bebé começou a abrir bem os olhos, toda a gente viu com espanto que tinha as pupilas estriadas. Passaram-se anos e as riscas dos olhos do petiz foram-se transformando e agora os medicos notaram, cheios de admiracão, que eie tem no olho direito um J de cinco milímetros e no esquerdo um D—as iniciais do nome do garoto—John Dynan.

Esta, se não fosse genuinamente americana, fazia-nos lembrar os discursos politicos do chefe do evolucionismo...

Pessima herança

A joven Republica herdou da monarchia 880.000 contos de divida publica, 7.000 padres, 2 duques, 26 marquezes, 157 condes, 249 viscondes, 94 barões, 2.062 conselheiros e 6.000 comendadores, além de combinações secretas com altas personagens estrangeiras, para envio de forças desses paizes, contra portuguezes, para a manutenção do trono em Portugal.

Boa herança, não é verdade?

Pois apezar disto não falta quem deseje aumentá-la com o juro dos seus desatinos politicos...

Os banhos quentes no Japão

Conforme diz Edmundo de Goncourt, a agua é a paixão dos japonezes.

Efetivamente, não ha ali mendigo nem rico que não tome o seu banho quente diario, que para o japonês é não só asselle, mas um sedativo, um tonico contra a fadiga.

E' tambem um poderoso remedio. Toma-se ali na temperatura de 50 graus, que para um europeu seria um verdadeiro supplicio, congestionando-lhe a pele e provocando-lhe até um eritema.

Ao japonês couça-o contra o frio. Diz-se que é por isso que ha pouco rumatismo no Japão, onde as mudanças de temperatura são muito bruscas.

O japonês toma o banho numa tina de pau, que as ha em todas as casas. Na mais pobres e pequenas está á porta da rua.

A japonêza despe-se em publico e banha-se com os homens, sem que ninguém repare nisso.

Em muitos estabelecimentos publicos de banhos, os dois sexos chapinam juntos.

Nesses estabelecimentos ha massagistas e auricurias, verdadeiros artistas.

Alguns massagistas são cegos, realizando o seu serviço com extrema delicadeza. Percorrem as ruas tocando uma especie de flauta ou gaita de pastor, para chamarem a clientela.

A massagem é cousa usual no Extremo Oriente, servindo para diminuir a fadiga, para curar uma enxaqueca ou uma constipação.

A arte e as victorias dos japonezes espantaram a Europa, que ainda tem de aprender muito a respeito d'aquelle povó tão singular.

Quem sabe se um banho quente, á moda do Japão, faria bem a certos politicos encravados do novo regimen?

Palavrinhãs de ouro

Estas são da *Republica*, e parecem recortadas de um trecho da autobiografia de Santo Antonio José de Almeida ou de uma pagina da historia fulgurante do seu partido:

«Caminhamos a passos de gigante para a *antiga*, na pressa incompreensivel de não chegarmos a tempo. Ou antes e melhor: somos o mesmo que eramos, com a agravante de termos gasto uma esperanza, perdido uma illusão, quasi inutilisada uma fonte de energia.»

Parecidissimo o retrato, não acham?

TRIBUNA LIVRE

AOS TRABALHADORES DOS CAMPOS!

Companheiros, ha anos é anos, ha século e séculos, que sobre a terra nos curvamos de sol a sol, sem refletir na nossa sorte, sem olhar em roda, convencidos aliás de não haver outro remedio senão matarmos nos a trabalhar para comer um bocadinho de pão!

Se em vez de penarmos assim, tivéssemos de vez em quando erguido a cabeça, se tivéssemos procurado saber quem tirava proveito do nosso trabalho e se era justo cansarmo-nos tanto para outros, ha muito tempo que teriamos achado remedio para a nossa desgraçada situação...

Mis nunca é tarde para fazer bem: encaremos, pois, todos a questão e resolvamo-la com desasombro.

Quem produz o trigo, isto é, o pão para todos? O camponês!

Quem faz nascer a aveia, a cevada, todos os cereaes? O camponês!

Quem cria o gado para fornecer a carne? O camponês!

Quem cria o carneiro para dar lã? O camponês!

Quem fabrica o vinho, a cidra, etc.? O camponês!

Quem engorda a caça? O camponês!

Em suma, ao camponês deve a sociedade a alimentação, as bebidas, o vestuario. Vos produzis tudo... Que produz o vosso rendimento geral ou o vosso proprietario? Nada...

E quem no entanto come o melhor pão, a melhor carne? Quem veste as mais belas roupas? Quem bebe os melhores vinhos? Quem consome a caça? O burguez!

Quem se diverte e descansa á vontade? Quem gosa todos os prazeres?

Quem faz viagens de recreio? Quem fica á sombra no verão, ao lado dum bom fogo no inverno? O burguez!

Quem se alimenta mal? Quem bebe vinho raras vezes? Quem trabalha sem cessar? Quem se cresta de verão e gela de inverno? Quem sofre muitas misérias e fadigas? O camponês!

Muito mais: os trabalhadores dos campos são muitas vezes escarnecidos, insultados, ridicularizados pelo mesmo que vive na ociosidade e folgam á nossa custa. Os burguezes julgam os camponêzes pelas apparencias exteriores e zombam delês porque teem mãos grossas e deformadas pelo trabalho, gretadas pelo inverno, porque teem muitas vezes as costas arqueadas e olham constantemente para o chão, e sobretudo porque, não tendo os hábitos da sociedade, são tímidos e se exprimem mal!

Companheiros, somos pequenos porque nos curvamos deante do rico; endireitemo-nos duma vez para sempre e veremnos que somos maiores do que ele!

Tenhamos conciencia da nossa força e da nossa utilidade! Os nossos companheiros das minas, das fabricas e officinas mostraram-nos o caminho: só esperam a nossa organização, que será uma força imensa. Para a frente; não os façamos esperar mais!

Eles tambem soffem, eles tambem teem misérias, eles tambem se consideram victimas dos capitalistas exploradores. Não vem talvez longe o dia em que nos poderemos unir todos para conquistar o nosso quinhão de bem-estar, de felicidade.

Companheiros dos campos, reflitam bem nisto: Se amanhã desaparecessem todos os cultivadores, que aconteceria fatalmente? Uma fome geral, uma miséria airoz, a morte provavel, dentro de poucos años, duma boa parte dos restantes seres.

E se amanhã desaparecessem todos os senhores... podemos bem calcular que nada caminharía peor por isso, e que pelo contrario a humanidade daria um imenso suspiro de alivio. E nós, cultivadores, já não teriamos que manter ociosos levando uma vida folgada, não teriamos mais opressores para nos mantermos sob um jugo de ferro, mais tiranos grossos insultando-nos sem motivo. Consequencia: muita mais liberdade, mais bem-estar, muito menos trabalho.

Não desejamos a morte de ninguém, mas o que desejamos ardentemente é ver chegar o dia em que todos tenham que trabalhar para viver, em que deixe de

haver exploradores e explorados, em que cesse o luxo de poucos, construído sobre a miséria de todos.

Ha de vir certamente: será o oramento da nossa obra.

A caminho para o grande fim, camarádis, e não nos deixemos abater pelas dificuldades que vierem estorvar-nos a marcha!

Viva a emancipação dos trabalhadores! (O sindicato agrícola de Bourbon-l'Archambault, França).

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

Evolucionismo jesuitico

Do nosso presado colega O Porvir de Beja:

O jornal do sr. dr. Antonio José de Almeida noticiou ha dias que foi reeleito secretario do Centro Evolucionista de Lisboa o sr. Manoel Guerreiro Palma Branco, filho do sr. Manoel Guerreiro Costa Branco, desta cidade, e, como seu pae, partidario e amigo intimo do ex-bispo Sebastião Vasconcelos, cujas virtudes são bem conhecidas.

E' lamentavel que o sr. dr. Antonio José de Almeida se veja forçado a recrutar os dirigentes do seu partido entre os mais ferrenhos inimigos da Republica, mas o seu evolucionismo de caranguejo não podia deparar-lhe outros correligionarios.

Para se avaliar bem da intelligencia e afinidades politicas do secretario do Centro Evolucionista de Lisboa, vamos reproduzir a seguinte carta que ele dirigiu ao ex-bispo de Beja, em 31 de janeiro 1910 e cuja autenticidade garantimos.

Vai sem alteração de uma virgula, para lhe não tirarmos o merecimento.

Meu Venerando Prelado.

Como não lenciono estar em Beja no proximo dia 2 de Fevereiro, venho por este meio aprezeitar a V. Ex.ª R.ª as minhas sinceras felicitações pelo 2.º aniversário da sua sagradação.

Cria V. Ex.ª Rev.ª que faço ardentes votos ao Altiçimo para que conserve o precioso vido de V. Ex.ª R.ª para bem da sua grei e consolidação dos amigos. (sic)

Esse dia para mim é dia grande (mesmo longo), e por isso venho pedir o seguinte:

Devo n'esse dia houvér missa por esta intenção nos R.ª Prior meu amigo Padre Nunes, não a pode dizer (por ser dia santo) sem autorisação de V. Ex.ª R.ª. E' o que venho solicitar tendo a certeza de que se poder ser serrei atendidido.

Beja, o anel de V. Ex.ª R.ª o seu amigo muito devotado e Cd.º

Manuel Guerreiro Palma Branco, Aparico, 31-1-1910.

Digam lá que o sr. dr. Antonio José de Almeida não está rodeado de bons republicanos!

Não fazemos comentarios...

Bruldes

Do nosso amigo sr. Albino Fernandes Pinto, zeloso e digno agente da importante casa Singer, estabelecido na Rua D. Francisco Gomes, desta cidade, recebemos um elegante calendario, cuja oferta muito nos penhora.

Costumes regionalistas

Em certas provincias de Hespanha, é costume dar pezames em comissão. Quando algum do pueblo está anojado, os amigos e conhecidos reúnem-se na rua e vão em grupo dar-lhe os pezames. O mais velho ou o mais graduado, ou o mais bem falante, faz um discurso ao dorido, e os outros, um a um apertam-lhe a mão, fazendo suas as palavras do orador...

Ora, ha tempos, em Orense, houve uma dessas cerimoniaes lutosas. O anojado era um homem de certa importancia local. Já edoso, mas janota; usava um bem feito chinó, cuidadosamente alisado para a testa, fingindo farta cabeleira. Os amigos entraram. O orador aproxima-se do enlutado, impinge-lhe gravemente o seu discurso de condolencia e, depois, apertando-lhe a mão, diz-lhe em voz baixa, ao ouvido:

—Olhe que tem o chinó á banda.

O anojado agradece comovido e endivita o chinó.

Ao orador segue-se todo o grupo, e cada um, apertando a mão do lutooso, murmura comovidissimo:

—Digo-lhe o mesmo...

—Digo-lhe o mesmo...

—Digo-lhe o mesmo...

Lagrims de... contrabando

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

As mulheres persas, quando perdem os maridos, compram dois frascos lacrimatorios, onde recolhem piedosamente as suas lagrimas, que oferecem em sacrificio ao defunto.

São precisos quatro mezes a uma saude vulgar para encher os dois frascos. Mas as persas recorrem a artificios e utilizam a cebola, o fumo da palha e a pimenta, para abreviar os prazos que lhes permittrão contrair novo matrimonio.

E' o que nós chamamos lagrimas de crocodilo.

Santo Antonio José de Almeida, armando em martir politico, tambem chora de quando em quando, mas não consegue impressionar pessoa alguma, porque já toda a gente lhe conhece as manhas e sabe perfeitamente que Santo Antonio José de Almeida chora ou ri com a mesma facilidade.

A taboleta do sombreireiro

Quando no congresso dos Estados Unidos da America do Norte se discutia a declaração da independencia redigida por

Jefferson, viu-se este, por diversas vezes, fatigado, desgostoso, e até desacomodado pelas continuas emendas, supressões, e observações criticas a cada passo apresentadas pelos membros do congresso. Franklin contou-lhe então, com a sua picante originalidade, e bom senso jovial, que adubavam todas as suas palavras; o apologo seguinte:

«Quando eu era rapaz, aconteceram que um amigo meu, querendo estabelecer uma loja de sombreireiro, consultou varias pessoas do seu conhecimento sobre o importante capitulo da taboleta. A que ele tinha tenção de adotar era—alguns chapens pintados, com este letrairro: John Thomson, sombreireiro. Este vende chapens a diphreio á vista.

O primeiro amigo, cujo conselho pediu, observou-lhe que a palavra sombreireiro era desnecessaria, a devia suprimir-se. Ele convenceu facilmente nisto, e a palavra foi cortada. O segundo notou-lhe que era inutil declarar que só vendia com diaheiro á vista, por que os estranhos não lhe iriam pedir fiado um artigo que não era de primeira necessidade; e que algum amigo haveria que lh'o pedisse a credito, a quem ele julgasse conveniente não o recusar.

Em consequencia desta observação, foram suprimidas estas palavras, e o letrairo ficou reduzido a—John Thomson faz e vende chapens.

—Para que serve a palavra faz? lhe observou um terceiro amigo. Porventura quem vai a uma loja comprar um chapen, se importa de quem o fez? E a palavra faz foi suprimida.

Um quarto conselheiro vendo as palavras que restavam, exclamou:

—Com a fortuna para que é dizer vende; pois imaginaria quem que pretendeis dar os vossos chapens de graça?—Mas, observou outro, John Thomson chapens—não faz sentido, e é preciso riscar a palavra chapens. Assim se fez, e afinal não viu a ficar na taboleta senão o nome do dono e a pintura dos chapens!

Coisa parecida ao que está acontecendo ao programa do celebre e nunca assés decantado partido evolucionista que, á força de repelir as medidas retintamente democraticas, já deixou ha muito de ser republicano e passou a ser unicamente partido evolucionista.

A gare ás escuras

Continua abandonada a ridiculos descuidos a nossa gare da estação dos caminhos de ferro Faro é uma cidade que ha muito tempo gosa de iluminação iletrica, e portanto parece reslmente incrível que ainda ali governe o atrazado petroleo.

Verdades

Segundo a imaculada opinião de Santo Antonio José de Almeida, tudo isto está na mesma, apesar de ter sido proclamada a Republica.

Porque assim é, e o fato lhe enche de tristuras o sensível coração, opina o santissimo varão, nas colunas do seu órgão, que:

«A transformação subita do regimen produziu nos homens um subilo retraimento, das suas qualidades possiveis durante o regimen que morria.»

Exatissimo.

Em alguns d'elles foi tão grande esse tal retraimento que até nem parecem republicanos.

El terruño

Com este titulo, veiu traduzido e publicado no semanario Juventud, de Almonte, o artigo literario A minha terra, que o Heraldlo ha dias publicou, devido á pena do sr. dr. João Pedro de Sousa, foi seu tradutor o distincto literato sr. Vitaliano Gomez, diretor literario da Juventud.

Agrademos a gentileza.

Registando

Entre outras vociferações, Santo Antonio José de Almeida, no seu patuquissimo artigo intitulado Eu e o presidente do ministerio, mimoseou o sr. dr. Afonso Costa, o estadista insigne que todo o paiz ama e respeita como a mais lidima gloria da Republica, com as seguintes amabilidades:

«Vagabundo da ciencia, vivendo de expedientes mentaes, — estadista esteril de recursos, copador servil do evolucionismo, de quem tomou os planos e ideias, Netuno das aguas democraticas, etc., etc.»

Quando o chefe produz taes dislates ainda ha quem se admire que os magalhas lá da tropa só saibam caluniar e ofender. Pois ninguém deve admirar-se, porque ao menos desta vez são coerentes com a sua propria incoerencia.

Comerciantes de Faro

São frequentes e muitissimo justas as censuras que se tem feito aos que superintendem em certos serviços dos caminhos de ferro.

Alguns negociantes se queixam de que as suas mercadorias, vindas de Lisboa ou de qualquer outra parte, sofrem ás vezes serios prejuizos na estação, em virtude de nem todas se poderem arrumar nos armazens do caes e portanto ser preciso que todos os dias quaesquer remessas fiquem ao relento, ao sol ou á chuva.

O caso é edificante e deveras lastimavel. Se não ha armazens que possam abri-

gar todas as mercadorias, mande o Estado construir os que forem necessarios ou então, aplique-se a tal fim uma esplendida casa que ali existe, cujo chão tem uma superficie de mais de 300 metros quadrados, e que, tendo sido construida, ha mais de 20 anos, para recolhimento de carruagens, nunca para tal serviu.

Essa casa, que é um belo edificio de que poderiam fazer um armazem de primeirissima ordem, está fechada desde que se construiu, e entretanto as mercadorias dos comerciantes de Faro continuam abandonadas ao mais absurdo e condenavel desprezo.

Vergonha das vergonhas!

Centro Republicano Democrático

Consoante fôra anunciado, reuniu no dia 27 a Assembléa Geral do Centro Republicano Democratico de Faro.

Presidiu o sr. dr. José Vicente Madeira, secretariado pelos srs. Ernesto Mata Branco e Cristovam de Sousa Junior.

A absoluta falta de espaço obrigou-nos a adiar para o proximo numero a descrição pormenorizada dessa memoravel sessão.

A avosinha

A Nação, que conforme pode e sabe lá vac levando agua ao seu moinho, saia-se outro dia com esta tirada melodramatica:

«O descabro da democracia foi mais rapido do que julgavamos. Tere vida efemera, começando no almeidismo e seguindo agora no afonsismo. Quebradas as duas ancoras, onde iremos parar? Ao cataclismo que a imprevidencia republicana nos prepara, numa ancia de victoria, que lhes vai saindo cara, e que a nós todos, os que trabalhamos, os que monrejamos na luta pela vida, tambem não pode sair barata.

Eis ao que chegamos, vai para tres anos de Republica!...

Pois não se rale, nem amofine a avosinha, que entre mortos e feridos algum hade escapar.

Governador civil

Consta-nos que o sr. dr. Adelino Furtado, novo governador civil deste distrito, parte de Lisboa no dia 5, tomando posse do seu cargo no dia 6 de fevereiro.

O seu a seu dono

O «Seculo», o «Diario de Noticias» e outros jornaes de Lisboa, quando o nosso diretor dr. João Pedro de Sousa e seu irmão dr. Candido de Sousa ha dias estiveram em Lisboa, annunciaram que um grupo de influentes politicos do Algarve, apresentados pelo sr. dr. José Vicente Madeira, tinha conferenciado com o sr. Ministro do Interior, solicitando de sua ex.ª a nomeação do sr. dr. João Pedro de Sousa para governador civil do distrito de Faro.

Não sabemos quem provocou esta noticia; o que, porém, sabemos é que ela tem servido de prato a certas explorações politicas.

Ora, justamente porque não devemos consentir que os adversarios politicos, na sua imprensa ou nos seus soalheiros, façam do caso ignobeis explorações, cumpre-nos retificar a noticia que de boa ou de má fé saiu publicada nos referidos jornaes.

O sr. dr. Vicente Madeira, nosso illustre amigo e correligionario, não apresentou nenhuns influentes politicos do Algarve ao sr. Ministro do Interior ou a qualquer outro ministro. Com o sr. Ministro do Interior conferenciaram os srs. drs. João Pedro de Sousa e Candido de Sousa, o sr. dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, o sr. dr. Mariano Ascenção e o sr. José da Costa Ascenção; e com o sr. dr. Afonso Costa, Presidente de conselho e Ministro das Finanças, conferenciaram os srs. drs. João Pedro de Sousa, Candido de Sousa e Mariano Ascenção, e os srs. José da Costa Ascenção, Manuel Centeno de Passos e João Viegas Calçada.

A nenhuma destas conferencias assistiu o sr. dr. José Vicente Madeira.

Dias depois da entrevista com o sr. Ministro do Interior, com quem os srs. drs. João Pedro de Sousa e Candido de Sousa tem relações pessoases, é que o sr. dr. José Vicente Madeira acompanhou estes srs. e mais outros ao gabinete do sr. Artur Costa, irmão do sr. dr. Afonso Costa, onde foram informar-se do que haveria sobre a nomeação dos diferentes governadores civis.

Esta é que é a pura expressão da verdade, e vem a lume tão sómente para evitar que a malicia dos adversarios continue com ridiculas insinuações, explorando os ingenuos.

JOÃO PEDRO DE SOUSA
ADVOGADO
Rua de Santo Antonio, 6
ESCRITORIOS Largo 4.º de Dezembro, 27
Morada—R. do Pé da Cruz, 16
FARO

CONTOS E NOVELAS

A INCONSOLAVEL

(De Michel Provins)

ARLETTE DE GREUZE.—Viale a oito anos, loira e palida, olhos bandados de luz; deliciaosa, fragil e modestissimo artigo de Paris.

DANIEL PRALIN.—O bala Daniell—Trinta e dois anos, forte, saudo de anglo saxenico, distincção de raça e de espirito.

No salão pequenino, onde os stores semi-descidos deixam a custo penetrar a luz cinzenta de novembro, Madame de Greuze, em frente de um grande espelho antigo, verifica, pela ultima vez, a impecabilidade da sua toilette: vestido tailleur aux nuance heliotrope, traíndo um discreto luto aliviado.

Sobre uma banquinha, junto do espelho, um lindo chapen modelo—«capote petit chagrin» para visitas ao cemiterio—espera ser colocado nas ondas cendradas da graciosa cabeça.

Já pronta, falando-lhe apenas pôr o chapen, Arlette senta-se num divan.

Ligeiramente friorenia, um pouco constipada, num estado de alma um tanto amargurado, tira dos papéis espalhados a seu lado uma carta tarjada de negro, cuja leitura parece impressioná-la.

Um creado, annunciando:—O sr. Pralin!

Correto, o busto moldado num paletot sombrio, Daniel Pralin inclina-se deante de Madame de Greuze e poisa ligeiramente os labios na pequenina mão que ella lhe estende.

Pralin—Está triste?

Arlette, o olhar humido—Infinitamente.

Pralin, compadecido—As recordações do passado?

Arlette—Sim, a recordação tornada ainda mais puigente por este dia de finados!... Dia tristissimo para aqueles que perderam um ente querido... mas especialmente para mim, visto que faz hoje um ano que... (apertando a mão de Daniel) Quanto lhe agradeço ter vindo!

Pralin—Assim o tinha prometido.

Arlette—E' que não será muito agradavel para si a visita que vou impor-lhe, obrigando-o a acompanhar-me ao cemiterio, ao tumulto do meu pobre Edmundo...

Pralin—Não vou lá por causa do seu defunto esposo, que lamento não ter conhecido, mas por si.

Arlette—Obrigada! Necessito tanto hoje de sentir junto de mim uma afeição dedicada! (outro tom) Trouxe a corôa?

Pralin—Deixe-a na carruagem: rosas chá e violetas, como recomendo.

Arlette—Quanto lhe agradeço o seu cuidado!

Pralin—O prazer é todo meu!...

Arlette, fazendo-o sentar—Conversemos alguns minutos. Sinto-me tão perturbado, só com o pensamento de ir ao cemiterio esta tarde!... Parece-me que vou sentir a mesma comoção do ano passado.

Pralin, olhando as cartas espalhadas sobre a mesa—Leu, naturalmente, qualquer coisa que lhe avivasse as recordações.

Arlette—E' verdade. Esta carta que escrevi em 3 de novembro a minha irmã.

Pralin—Se não sou indiscreto...

Arlette—De modo nenhum. Leia, leia, trata-se tambem de si.

Pralin, lendo—...E' realmente forçoso que haja um Deus para nos impôr a existencia, porque não compreendo como conseguí hontem sobreviver ao pezar que tanto me alanceou. Desde a morte do meu adorado Edmundo, depois de uma horrorosa semana, passada no paroxismo do sofrimento, era a primeira vez que o doutor, esperando sem duvida uma reacção salutar, me permitia levar algumas flores ao cemiterio.

Neste dia de finados o campo dos mortos estava cheio de milhares de visitantes. Começava a entardecer e uma multidão de luzinhas acendia-se nas capelas, ao redor dos monumentos, cintilando entre as flores frescas. Corajosa a principio, atravessei a multidão, mas chegando perto do tumulo do meu pobre marido, toda a energia me abandonou. Tive uma horrorosa crise de desespero!

As lagrimas corriam-me tão apressadas e ardentes, que eu tinha a sensação de uma ferida por onde o sangue e a vida se me escapavam!...

Depois, subitamente, sufocada por suspiros, caí sobre a pedra onde me parecia que o meu coração, para sempre inconsolavel, devia esmagar-se.

Quanto tempo fiquei assim?

Não sei ao certo. Quando abri os olhos era noite, estava transida de frio e perto de mim, ajudando-me a erguer, encontrava-se um cavalheiro, que parecia muito comovido e que respeitosaente me ofereceu para acompanhar-me até á carruagem ou até á minha casa. Estava tão profundamente perturbada, tinha tanto receio que as forças de novo me faltassem antes de entrar em casa, que aceitei um auxilio oferecido nas formulas do mais discreto interesse e da mais irrepressivel correção!

Arlette, interrompendo-o—Sem esse

cavalheiro, que era o sr., estaria talvez mortal!... Salvou-me duplamente, primeiro nesse dia triste, depois vindo visitar-me nos dias seguintes, minorando com uma tão afetuosa dedicação a minha dor e ajudando-me a resignar!... (limpando os olhos) Foi assim, pouco a pouco, que me habituei de novo á vida!

Pralin—Quer provar-me o seu reconhecimento?

Arlette, sorrindo—Por certo.

Pralin—Então não esteja triste.

Arlette—E' o aniversario, a carta, as recordações, tudo!... Tem razão. (em lagrimas) Infelizmente de nada serve estar triste!... Partamos! Vamos já!

Pralin—Como queira. (Contemplando Arlette que se levantou para pôr o chapen) E' muito lindo o seu vestido! Ficah admiravelmente!

Arlette, sem ter posto ainda o chapen—Fala serio? Gosto tanto de vestidos de côr... oh! de côr severa!... Mas enfim, como ha só um ano e oito dias... Escolhi esta côr. Heliotropio sombrio traíndo para violeta de bispo... uma côr de egreja!... E' ainda muito luto!

Pralin—Atém de que o luto nem sempre condiz com a côr do fato. Olhe a excelente Madame Vésubie, viuva do marido mais enganado da França e da Navarra e que ha tres anos não larga o luto carregado...

Arlette—E' porque lhe fica muito bem. Pralin—Então é para melhor minotaurisar a memoria do marido! Uma infidelidade funeraria!

Arlette, sorridente—Muito gosta o senhor de gracejar! Aposto que falou de Madame de Vésubie porque está sempre a lembrar-se da sua amiga Mercedes, a pequenina e extraordinaria Mercedes, que o sr. aiçou, que ainda ama talvez...

Pralin—Eu?

Arlette, ironica—Sempre foi uma mulher que tentou envenenar-se por sua causa!

Pralin—Mas nunca se chegou a provar, nunca se soube ao certo, se tinha tomado laudano ou ermético.

Arlette, a rir—Tem muita graça!

Pralin—Sim... ria. E' mais logico o riso que o ciúme, quando sabe que sou inteiramente seu.

Arlette, com ternura—Serio?

Pralin—Nem sequer m'o devia perguntar depois de tudo o que recordou ha instantes. Vejo que gosta de certificar-se dia a dia da sua conquista.

Arlette—E' que, sentindo-me feliz, duvido por vezes da realidade. E' tão belo e tão bom o sentimento que me dedica... um terno sentimento de amizade...

Pralin—De amor...

Arlette—Sim, mas um amor que ficou sempre tão respeitoso como a amizade... Ha tanto encanto neste sonho, que tenho medo de uma desillusão. E agora, menos do que nunca eu poderia passar sem a sua terna amizade.

Pralin, aproximando-se dela com voz quente—Nunca ha de faltar-lhe, creia.

Arlette (Olha-o. Impressionada, mau grado seu e um pouco enlanguescida, vae encostar-se á chaminé) Depois de nm. silencio:—Quantas horas são?

Pralin—Quatro.

Arlette—Se tomássemos o chá juntos, antes de ir ao cemiterio, aqueceriamos!... Como este ruim vento que oico assobiar me faz mal aos nervos!... Está muito frio na rua; não é verdade?

Pralin—Muito!

Bem depressa o chá a ferver fumega deante deles no samodovar de prata, cercado sobre a bandeja de minusculos pratos de Sévres, repletos de doces finos, transparentes e fantasticos.

Servidas as chavenas, ambos ficam silenciosos contemplando o vapor ligeiro que sobe na penumbra.

Pralin, depois de longo tempo—Em que pensa?

Arlette, devaneadora—Oh... Em tanta coisa!

Pralin—E' deliciosissima esta intimidada, aqui, perto do fogo, neste findar de um dia tão triste!...

Arlette—Sim! Pairsa uma volupia lutoosa aqui, perto do fogo, neste conforto de bem estar... Eu pensava nos grandes ciprestes negros do cemiterio, que devem agora curvar-se com ventania...

Pralin, (sentando-se junto dela no canapé)—Como está hoje impressionavel!... A menor sensação, uma insignificancia a perturba!

Arlette—Estou tão nervosa!

Pralin aproximando-se-lhe—Vibrante como uma corda de harpa.

Arlette—Prestes a quebrar-se!

Pralin—(Falando lhe junto da pequenina orelha rosada) Porque não lhe faremos cantar a harmonia que reclama?

Arlette, (surpreendida)—A harmonia? Pralin (cingido-lhe a cintura)—Sim! A harmonia do amor... O canto vitorioso da natureza!...

Arlette (resistindo-lhe um pouco)—Meu amigo!...

Pralin (estreitando-a mais)—O abandono de todo o ser na palavra que aflora

nos lábios... a transformar-se em beijos.

Arlette—Daniell! Daniell!

Pralin—Não me tem amôr?

Arlette—Amo-o, sim, mas faz mal em perguntar-me especialmente hoje... sabendo que estou sem forças!

Pralin (convicto)—E' o proprio Deus que consente a juventude os gosos do amôr apoz o negrume do pezar! E' ele que permite, segundo diz Musset, que o esquecimento venha ao coração como o sono aos olhos... Um beijo para afastar todas as tristezas...

Quer?... (muito perto da boca de Arlette) Quer?

Arlette (já vencida)—Não! Não! Peço-lhe... Não!

Pralin—(Impondo-lhe os lábios). Sim, que importa o aniversario, de hoje, a hipocrisia dos deveres, as convenções... visto que, sem termos procurado, chegou a hora dos nossos dois espiritos (muito baixo) não serem mais do que um só.

Arlette, depois de um amplexo louco... demorado, desprendendo-se com um sorriso—Monstro! Que monstro!

Pralin—Monstro por traduzir o que ambos pensavamos ha tanto tempo! Sabe o que lhe proponho... o que te proponho? Irmos jantar num restaurant do boulevard, num gabinete discreto onde se possa tagarelar!

Arlette—Não! Sou eu que te convindo. Visto que não achaste muito mau o meu chá, jantaremos aqui, nesta atmosfera tepida em que me sinto mais tua... Tenho tanto medo do frio lá de fóra... Conversaremos aqui, mais a vontade, e a sobre-mesa, depois de um dedo de champagne hei-de pedir-te que me repitas o que disse Musset...

Pralin (saboreando ainda um beijo)—E's divina! Mas... e a carruagem?

Arlette, (pensativa)—E' verdade? E a corôa! Espera! (Faz soar um timbre; e um criado que se apresenta) José! Sinto-me muito doente. Bastante nervosa. Desce; encontrarás na carruagem do sr. Daniel Pralin uma corôa de flores... uma corôa funebre... Vae ao cemiterio depo-la sobre o tumulo do meu chorado esposo...

Lyster Franco.

A QUESTÃO DAS AMEJOAS

Carta aberta a S. Ex.º o Sr. Ministro da Marinha

«Excelencia:—Esta questão tem adquirido fôros de celebridade pela capital importancia que ella tem no nosso meio social.

Dreende um grupo de commerciantes e industriaes de Faro, ferrageiros, fariabeiros, merceiros e armadores de cercos, obter a concessão por arrendamento, de uns terrenos na ria de Faro, denominados Paul, Barra do Bispo, Cabeça do Mexilhão, Mineral, Restinga do Canal de Olhão, Esteiro do Vintem, etc. (que por outros não percain) que são os unicos ainda livres produtores d'aquelle marisco, onde uma classe, não pequena de proletarios, vae colher quotidianamente; como unico recurso, os meios de subsistencia a que tem direito.

Outros terrenos, tambem produtores, foram em tempos distantes, ingenuamente cedidos, a titulo de «para viveiros ou depositos de ameijoas» com o fim de harmonisar com a reprodução, os interesses geraes do publico.

Este argumento foi mentido, porque se tem feito unicamente uma especulação acintosa e injustificavel, no commercio d'este artigo, agravando-se sem dô nem piedade a situação das classes pobres, porque sendo d'antes para estas, um alimento barato, pela vulgaridade, (porque toda a gente o colhia) hoje é o ultimo recurso.

E para v. ex.º poder-avaliar d'esta situação, dir-lhe-emos: d'antes eram vendidas a 30 e 40 réis o cento as ameijoas que depois das concessões passaram a custar 80 réis!

Ainda um outro fato concorreu para o agravamento d'esta situação,—não em preços,—mas em qualidade, e foi: a concessão, para agricultar, dos terrenos—salgadas, denominados Ludo, tambem n'esta ria, de cuja concessão só resultou o prejuizo para esta industria e nenhum beneficio para a agricultura.

E ainda assim, pela concorrência que provém do commercio da colheita-livre com o dos concessionarios dos depositos e viveiros que conserva aquele preço.

Argumentam os pretendentes, mas esse argumento não colhe:

1.º Que requerem a concessão por arrendamento, porque outros já ha assim estabelecidos;

2.º Que pretendem estabelecer depositos e viveiros para reprodução;

3.º Que d'esta empresa resultará beneficio para o publico.

E a isto nós respondemos;

1.º E' certo que existiu concessões n'este sentido, mas isso nada justifica, porque já sobre ellas protestamos e continuamos a protestar, conquanto ellas sejam em terrenos mais comodos para a condução é certo mas menos favoraveis á reprodução e, quando

essas concessões foram dadas, ainda não tinhamos como recurso os terrenos em questão.

Depois d'estes é que já não temos outros!

2.º Pretender estabelecer depositos e viveiros de reprodução é capcioso!... O que elles pretendem é monopolisar arditosamente os terrenos de produção, sobre promessas tentadoras, para domoarem.

Os terrenos em questão, pela sua natureza geologica, tem condições para produção e reprodução, sem necessidade de pretendidos beneficios. E é por terem essas condições naturaes que esses especuladores pretendem a concessão, para dominarem o commercio e limitarem com elle as despesas, o numero de braços empregados na industria da apanha, arrastando á miseria uma classe de proletarios.

3.º A iniciativa d'essa empresa prasidida a inveja, porque sendo enorme a exportação d'este marisco para Madrid e outros mercados de Hespanha, ficando muitas vezes o mercado local quasi que completamente desprevendo, sem que até agora este fato de bastante importancia, tenha merecido reparos das autoridades respeitivas porque algumas que deviam intervir fazem parte do grupo (dos pretendidos concessionarios) esse grupo que com a avidéz insaciavel de polvos, quer açambarcar todos os terrenos de produção, para chamar a si a exportação!...

Taes são as boas intenções que os animam!...

Excelencia!

A voz austera da justiça reclama que tal concessão não seja feita e que se termine de vez com a renovação d'esses arrendamentos que desde longo tempo vem constituindo um monopolio.

Tende em consideração, excellencia, a desgraçada situação a que nos arrastará um traço da vossa pena, que nos seja adverso.

Lei?!... Os da ciencia do direito são quasi que um artificio!... Ainda hoje a melhor... a mais sã... é a lei da consciencia!...

Confiamos que justiça nos seja feita.

Um grupo de mariscadores.»

Aos ex.ºs srs. deputados da Nra.ção!

«Excelencias!—O grupo que pretende a concessão dos terrenos da ameijoas da ria de Faro, tendo encontrado resistencia ás suas pretensões, pelo protesto da classe dos mariscadores, do publico em geral, e em especial de s. ex.º o chefe do departamento maritimo do Sul, partiu em demarche para Lisboa, com o fim de auxiliado talvez por v. ex.ºs, obter despacho favoravel ás suas pretensões.

Lembraes-vos, ex.ºs, que se praticardes tal pretensão, cothendo os pretendentes o resultado que desejam, a tirarem para a miseria dezenas de familias e agravareis a já bem triste situação das classes pobres d'esta localidade e Olhão.

Tudo o vosso esforço deverá ser em sentido contrario, para que se não dê a concessão pedida e terminem as existentes, marcando-se um limite de prazo razoavel (quatro ou cinco mezes) para a apanha de marisco que estiver em deposito!

E com uma ação d'estas, vós tereis a bem dizer-vos centenas de familias que lutam com a miseria e o publico em geral.

D'este procedimento advirá melhoria para o municipio sem prejudicar a receita do Estado, que dos arrendamentos é insignificante.

Confiamos na justiça do vosso proceder!

Um grupo de mariscadores.»

Aos trabalhadores de Lisboa

«Camaradas!—Pela leitura do que anteriormente ficou dito, tereis avaliado da justiça que nos assiste a bem dos nossos interesses e dos interesses geraes dos proletarios!

Encarecidamente pedimos que ahi, junto dos poderes constituídos, reclameis justiça ao nosso protesto, que é um brado de alma afflita!...

Saude e emancipação.

Um grupo de mariscadores.»

Noticias Militares

Foi colocado na situação de adido, por lhe ser concedida licença illimitada, o tenente medico sr. dr. Candido Emilio de Sousa.

—Em infantaria 4 foi colocado o alferes do regimento de infantaria n.º 12, sr. João Francisco Pascoa.

—Para diretor da carreira de tiro de Faro foi nomeado o capitão de infantaria 4, sr. Antonio Justino Ramos.

—O coronel de infantaria sr. Francisco Gabriel Augusto da Silva Mimoso, passado á reserva, por ter sido julgado incapaz do serviço ativo pela junta de inspeção, continua como chefe do distrito de recrutamento n.º 4.

Dr. J. SILVA NOBRE

MEDICO-CIRURGIÃO

Ex-interno dos hospitais de Lisboa

Garganta, nariz e ouvidos — Doença das senhoras — Tratamento da sífilis e das seções rebeldes pelo 606 de Ehrlich — Clinica Geral — Operações

CONSULTAS A'S 11 HORAS

Viagem de glob-trotters

Recebemos hoje a visita de dois simpaticos estrangeiros, Madame e M. Milen Raichevitch; correspondente do diario servio Vetchernie Novosti, de Belgrado; que ha perlo de ano e meio se comprometeram com o diretor d'este jornal a dar a volta ao mundo em motociclete. Foi-lhes concedido o espaço de tres anos para realisarem a sua viagem, cobrindo todas as suas despesas exclusivamente com o produto da venda de bilhetes-postaes, que trazem consigo ou que mandam imprimir no decurso da viagem.

Já percorreram toda a Europa, a Turquia asiatica, o Egipto, a Tunisia, a Argelia e Marrocos.

De Faro, d'onde partem hoje mesmo, dirigem-se a Lisboa, e de Lisboa voltam a Marrocos, para em seguida fazerem a travessia para a America.

Milen Raichevitch sofreu no Egipto um lamentavel desastre proveniente de uma queda da motociclete, do que lhe resultou a fratura da perna esquerda. Devido a este contratempo, tem que seguir o resto do percurso em automovel, comboio, ou quaesquer outros meios de transporte.

Estimamos aos jovens sportmans uma feliz viagem.

POR ESSE ALGARVE

Almancil

No comboio das 19 horas do dia 25 do corrente, partiu para Lisboa, afim de seguir viagem para Buennos Aires, o sr. Cristovam Guerreiro Marum, nosso estimavel amigo e assinante e prestimoso defensor do ideal republicano democratico.

Na estação do caminho de ferro de Loulé viu-se e prova-se com toda a evidencia quanto era estimado este nosso inolvidavel conterraneo; pois que, á hora em que a campainha dava o sinal de partida e o comboio fazia ferir os nossos ouvidos com um silvo estridentissimo, mais de cem pessoas, apinhadissimas na estação, lhe dirigiram um adeus, envolto numa saudade funda, e todos os seus rostos se achavam cobertos de verdadeira tristeza, com os olhos marejados de lagrimas, daquelas que saem do fundo da alma e daquelas que conflagram vertiginosamente as fibras do coração!

Não sei quem sofre de maior dôr: se os que partem se os que ficam.

O que é fato é que a dôr para ambos é crua e fatal.

Os soluços angustiosos redobravam-se e a despedida era desoladora, porque o comboio partia, evoluando-se em espiral para a atmosfera, o fumo negro da locomotiva.

E', sem duvida, o quadro mais dolente e de maior confrangimento a despedida dum amigo a quem todos os seus compatriotas consagram uma amizade inabalavel, pura, onde a sua bondade excessiva tem uma significação altruista que sobressae á vista de todos que o conhecem, porque ele tem dado em todo o tempo provas, fundamentadas com exaltado criterio, de que não tem inimigos.

Entre muitas pessoas cujos nomes não é possivel lembrar, vimos os cidadãos:

Manuel Cristovam de Sousa Vinhas, Antonio Joaquim Marum Junior, Francisco Antonio Marum, Francisco Cristovam de Sousa Junior, Francisco Xavier Leal Junior, Ventura Antonio Marum, José Xavier Leal, Cristovam Xavier Leal, Francisco Pedro Correia, Jo-quim Pontes-Faisca, Filipe Antonio Marum, José Antonio Marum, Manuel Antonio Pires Junior, José Vicente de Brito Junior, Filipe Viegas Junior, José Guerreiro da Angela, Francisco Ricardo Barbara, Joaquim Ricardo Barbara, Manuel Cristovam de Sousa, Manuel Cristovam de Sousa Correia e Cristovam de Sousa Pires.

Na ocasião em que o comboio partia deliberaram ir até a estação de Boliqueime acompanhar o nosso saudoso amigo, que tanto agradeceu, penhorada e reconhecidamente a tão amavel atenuação que tiveram para com elle.

Assim, com um abraço cordial, todos se despediram finalmente dum bom filho de Almancil, transparecendo na fisionomia de todos os circunstantes a mais fremeante commoção, ficando arreigado nos seus corações em quanto á sua sentida ausencia, uma saudade viva, ardente e indelevel.

Monchique

Os republicanos democraticos deste concelho esperavam que fosse nomeado governador civil deste distrito o nosso valioso correligionario sr. dr. João Pedro de Sousa, mas ao que nos consta, toma a chefia do distrito um illustre candilho da Republica, que saberá defender os verdadeiros dos falsos republicanos, por este motivo gostosamente apresentamos ao illustre correligionario sr. dr. Adelino Furtado, as boas vindas.

—Pela autoridade administrativa foram mandados afixar editaes reprimindo o jogo; louvamos a attitude do illustre ministro do Interior por uma tão acertada medida.

—Fez anos no dia 25, a menina Maria Paula P. Candido, estreucida filha do nosso dedicado amigo e correligionario Pereira Candido.

—Está entre nós o sr. dr. Antonio Duarte Lima Elias, administrador do concelho de Silves.

—Após doloroso sofrimento faleceu o sr. José Marques das Dores, rico proprietario neste concelho.

—Pezames á familia.

—Certos meninos realistas daqui, conti-

SAPATARIA DA MODA

DE

José Vicente dos Santos

Grandioso sortimento de calçado em todos os generos e qualidades, e demais artigos respeitantes á sua arte

Modelos chics de inexcédível bom gosto. Suprema elegancia e barateza Esmerada confeção e bom acabamento

Rua de Santo Antonio, 48, 48, A.

FARO

nuam a abocanhar a Republica; não tenham juizo e queixem-se... muita cautela, pois, que a paciência esgota-se.

Olhão

Ha dias, o immortal D. Cristiano, o tal que aspira a santo, visto que não pode chegar a juizo, passando em frente da casa de detenção onde em promiscuidade bomens, mulheres e creanças expiavam o nefando crime de terem apauddado alinnmas ameijoas na ria, olhou-os e teve o seguinte dito de espirito: —Cá estão na gaiola ns democraticos!

E' claro que toda a gente que teve a felicidade de escutar este dito espiritunoso riu a bom rir, tanto mais que sendo os ditos de espirito um caracteristico das pessoas de aprimorada educação e não nos constando que D. Cristiano a adquirisse nos tempos em que andava no fisco, estes são por isso de-veras apreciaveis em tão divertida creatura.

Noticias de instrução

Pedi o seu provimento definitivo a professora da escola mixta de Quarteira, D. Francisca dos Anjos Cabria de Almeida.

—Foi autorisado o novo contrato de arrendamento da casa e habitação da professora de Quarteira, e de S. Sebastião de Loulé.

—Trata-se de obter casa para a instalação da escola mixta de Almancil, e do sexo feminino de Alte.

—Averigua-se da conveniencia, para o ensino, de converter em mixta a escola do sexo masculino de Ameixial.

—Tomou posse da escola do sexo masculino da Fuzeta (segundo logar) o professor Bernardino do Nascimento Batista Lopes.

NOTICIARIO

Os srs. drs. João Batista Caleça e Justino de Bivar Weinholz foram respetivamente classificados no concurso para notarios com 2 M B e 3 B e 1 M B e 4 B.

—Estão a concurso 30 vagas de praticantes nas estações dos caminhos de ferro do sul e sueste; os respetivos documentos devem ser apresentados até ao dia 12 de fevereiro.

—Vimos em Faro o sr. Joaquim José Ramires, nosso dedicado correligionario de Olhão.

—Foi a Lisboa o nosso amigo sr. Evaristo Panteado

—Esteve em Faro o sr. Eduardo Conceição Lopes.

—Regressou de Lisboa, com sua filha, a esposa do sr. Julio Bourgard.

—Veiu a Faro a esposa do sr. dr. José Antonio Vasco Mascarenhas.

—Deram-nos o prazer da sua estimada visita os nossos prestimosos correligionarios dr. João de Sousa Carvalho e Desiderio Rosa, de Castro Marim.

—Está em Faro o nosso amigo o correligionario sr. Joaquim Mascarenhas Pacheco.

—A direção do Ginasio Club resolveu receber mascarar amanhã quinta-feira. E' mais um dia a crescer aos outros já indicados pela mesma direção.

CARTEIRA

Fazem anos: Amobá, 30.—D. Maria do Carmo Santos, D. Luiza de Oliveira Vagas, D. Joana Augusta Magalhães, D. Eugénia da Silva Branco, Estevão Paulo Afonso, José Antonio Silva, Manuel Augusto Xavier e Pedro Evaristo Pereira.

Sexta, 31.—D. Maria Clara da Silva Pontes Pereira, D. Maria do Castelo Lix Teixeira, D. Isabel Freire Tavares, D. Maria Augusta Guedes Ferreira, D. Manuela da Silva Gomes, dr. Henrique Cavaco, Eduardo Dias Ferreira, Antonio Joaquim Alves e o menino Augusto Bernardino da Silva.

Sabado, 1.—D. Maria Francisca Belem, D. Maria Vitoria Abolin Ferreira, D. Sebastiana Carlina de Sousa Vaz, D. Augusta da Silva Braz, dr. José Ribeiro Castanho, Manuel da Silveira Ramos, Antonio do Carmo Ferreira e João Carlos Leitão.

Doentes: Está felizmente restabelecido o sr. dr. Diogo Marreiros Neto, distinto adrogado nos auditorios da comarca de Loulé.

Necrologia: Faleceu em Lisboa a sr.ª viscondessa de Bivar, viuva do falecido visconde do mesmo titulo, a quem a pilotesca

vila de Portimão deve muitos beneficios. Sepullou-se no seu jazigo em Portimão.

—Faleceu em Portimão o sr. Antonio Xavier Teixeira, antigo chefe da delegação aduaneira daquella vila.

Editos de 45 dias

(1.ª publicação)

No juizo de Direito da comarca de Faro, cartorio do 3.º officio e na execução processada nos termos do decreto de 29 de maio de 1907, em que é exequente Manoel Dias Sancho, casado, comerciante, residente nesta cidade e executado José Antonio Martins, solteiro, maior, empregado no commercio, auzente em parte incerta, correm editos de 45 dias a contar da publicação do ultimo anuncio, citando o dito José Antonio Martins para no prazo de 5 dias posterior ao dos editos pagar ao exequente a quantia de 87.105 réis, montante duma letra em que figura como assistente, ou no mesmo prazo nomear á penhora bens suficientes para completa solução da divida exequenda, sob pena de ser devolvido ao exequente o direito de nomeação, e seguir a execução seus termos.

Faro, 25 de janeiro de 1913.

O escrivão

José Joaquim Peres.

Verifiquei.

O Juiz de Direito

Dias Ferreira.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem entregar em Faro a João Duarte Ferreira (João do Abrahão) uma manta, preta dum lado e encarnada do outro, com um leão, perdida pelo sr. Antonio Martins Caiado, na quarta feira, desde as Pontes até S. João da Venda.

Ao comercio

Vende-se um estabelecimento completo de fanqueiro da praça de Tavira.

Dirigir ao advogado João Calçada—TAVIRA.

ANUNCIO

Vende-se egua, charrette, arreios, potes em folha para azeite e outros artigos.

Quem pretender dirija-se a Francisco José Marques.—TAVIRA.

AUTOMOVEL NOVO

Aluga-se. Trata-se com Armando Ignacio Pires.

Rua Primeiro de Dezembro 52—Faro.

ANUNCIO

Arrenda-se uma propriedade com regadio e sequeiro denominada a Corte, no sitio dos Juncaes, freguezia de S. Braz de Alportel. Para tratar, com José Mendes Pinto, de Santa Barbara de Nexe, sitio dos Gorjões.

Vinhas, vinhos e prados

A. VENANCIO PACHECO

Br. 600 réis.

